

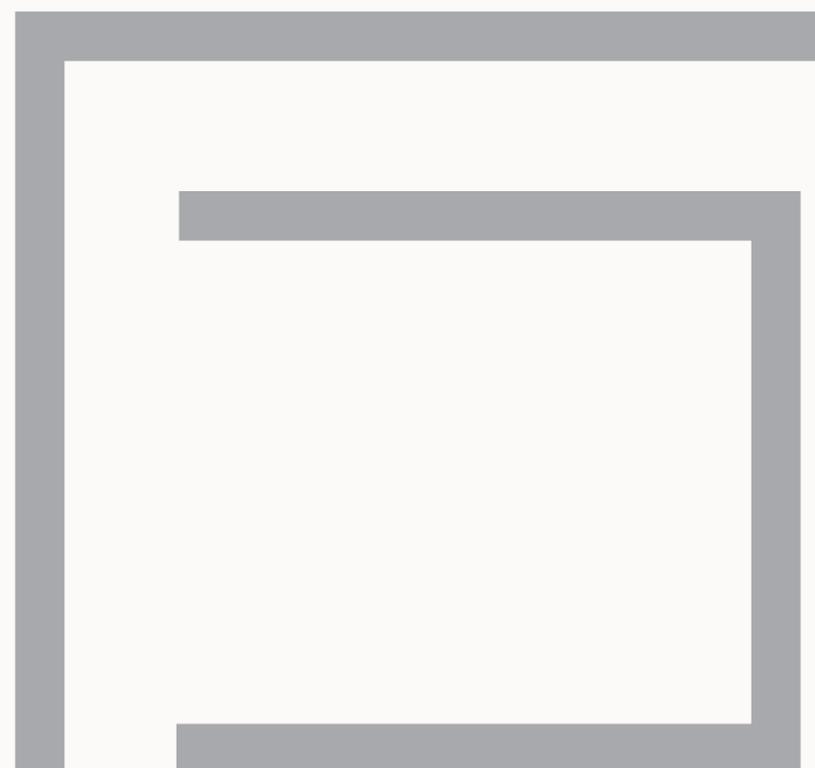
# PhotoGraphic

*Au revoir les enfants*

A visita acaba, todos voltam pra casa, menos o eu que entrou ali.

Único da América Latina dedicado exclusivamente ao fazer fotográfico, sendo justamente essa a sensação que ele evoca, singularidade. Desde a fachada, em sua arquitetura, ousada em sua simplicidade, priorizando a clareza da forma, pauta-se em linhas geométricas, convergindo as diretrizes do horizontal e vertical em pontos chaves, iluminados, espaçados ou mesmo transpassados por outros andares. O Museu impõe um ar de reverência, provocativo, desperta a curiosidade daqueles que o observam, seduz, sem chance de resposta, induz a adentrar em seu recinto. O ambiente explode, o design, as cores, a estrutura, a biblioteca, a divisão das exposições, a disposição das paredes, conduzindo a múltiplos caminhos pelas inúmeras realidades enquadradas em cada fotografia.

O Museu ergue-se ao infinito dentro dos três, aproximados, metros que separam o chão e o teto de cada andar. Por meio de suas obras, desafia o tempo. Segundos, minutos, horas, dias, tais medidas transformam-se, deixam de existir, a história sussurra por todos os lados, despida e exposta, retratos, clicks, momentos decisivos. Um misto de estilos, cuidadosamente dispostos ao longo do espaço, técnicas variadas em complexidade ou equipamento, cores ou a ausência delas, enquadramentos precisos ou preci-



samente deslocados. A fotografia surge, modela-se, se rebela, recria-se, apresenta-se, recortes da história que detém sua própria história, importância, e ainda não terminamos o primeiro andar.

Dentro dessa profusão, um fator destaca-se, o humano. A beleza não diz respeito à forma, a iluminação, ao acontecimento inesquecível, ela pauta-se na delicadeza de registrar o outro, de fornecer uma eternidade a existência, fugaz. No eco dos passos da turma pelo prédio, nas curvas de tantas realidades retratadas, em meio a dedicação diversa dos incontáveis fotógrafos, imerso na entorpecente admiração, pego-me olhando ainda mais profundamente uma fotografia.

Observo atentamente aquela existência, imaculada do tempo, inunda-me de interpretações que falam a cada segundo mais de mil significados, tão freneticamente ao ponto de o único som perceptível ser o silêncio. E então eu vejo, existindo, ali, me reconheço. A visita acaba, todos voltam pra casa, menos o eu que entrou ali. Dissolveu-se. Onde escrita com a luz, está eternizada, em uma finitude, a existência humana.

**Alan Magno, 3º semestre**